



ISSN 0104-9046

Dezembro, 2001

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agroflorestal do Acre
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Documentos 75

**Workshop de Encerramento
do Projeto de
Desenvolvimento de
Tecnologias para Produção de
Safrol a partir de Pimenta
Longa (*Piper hispidinervum*)**

Editores

Flávio Araújo Pimentel

Olinto da Rocha Neto

Rio Branco, AC
2001

OBSTÁCULOS À PESQUISA PARTICIPATIVA: O CASO DO PROJETO PIMENTA LONGA NO PARÁ

Carlos Douglas de Sousa Oliveira¹

INTRODUÇÃO

A utilização da pesquisa participativa, por instituições que produzem Ciência e Tecnologia-C&T agropecuária, é recente. Estas instituições, sobretudo na Amazônia, funcionam a rigor, alheias a realidade de seus principais beneficiários e/ou usuários. Grande parte da produção científica e tecnológica produzida por elas tem baixo retorno social. Na Amazônia, este quadro começa a sofrer transformações, impulsionadas pelo financiamento internacional de instituições preocupadas com o meio ambiente e o desenvolvimento de populações carentes e, talvez, também, por utilizarem a abordagem participativa, como ferramenta em processos de Pesquisa e Desenvolvimento. Esta abordagem, apresenta-se como uma alternativa para produção de convergência entre C&T agropecuária e as necessidades reais dos seus beneficiários e/ou usuários, sobretudo, os agricultores familiares.

O presente trabalho foi realizado junto aos produtores rurais da Associação Comunitária Rural de São Jorge Jabuti (Acorda Jabuti), no Município de Igarapé-Açu, estado do Pará. Entre estes produtores, encontram-se sete Agentes Comunitários de Desenvolvimento, que atuam como intermediários na relação agricultor/pesquisador. Acredita-se que o público desta pesquisa, esteja sujeito a enfrentar diversos tipos de obstáculos gerados pela relação entre si ou pela relação que mantêm com as instituições que representam. Sabe-se que, cada agente social aqui estudado, apresenta intenções distintas em relação ao projeto em questão, e que estas intenções, muitas vezes, são suplantadas, a partir do tipo de relações que se estabelecem no desenvolvimento das ações concretas. Ou seja, existem coisas que poderiam ser feitas ou que determinados agentes gostariam de fazer para melhorar o projeto, mas que são impedidas de serem realizadas para não comprometerem suas relações pessoais ou com as instituições que representam. A relevância do estudo de tais relações encontra-se, justamente, na identificação dos obstáculos gerados por elas. Neste caso, os obstáculos referem-se a adoção da pesquisa participativa pelos diversos agentes que participam do Projeto Pimenta Longa.

¹ Eng. Agrôn., M.Sc. em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável
E-mail: douglas@cpatu.embrapa.br ou douglas@ufpa.br

MATERIAL E MÉTODOS

Utilizaram-se métodos qualitativos de observação e análise para a compreensão mais aprofundada de fenômenos não perceptíveis a uma análise quantitativa sem, contudo, desprezar este último. Trabalhou-se com técnicas como: observações diretas e entrevistas semi-estruturadas, sem se constituir de perguntas fechadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obstáculos identificados no desenvolvimento do projeto

Os técnicos e pesquisadores da Embrapa Amazônia Oriental, envolvidos diretamente com a implementação do projeto, apresentam um elevado nível de formação acadêmica no âmbito das instituições de C&T agropecuária, estando a maioria voltada para as ciências naturais ou agrárias. Apenas um dos técnicos, membro do projeto, possui formação acadêmica direcionada para as ciências sociais. Nenhum deles, contudo, havia trabalhado antes, com projetos de desenvolvimento comunitário, utilizando o enfoque participativo. Talvez, por isso, admitam, sem constrangimentos, que possuem limitações, no que concerne a prática do método mencionado.

Tais limitações foram identificadas neste trabalho, a partir da visão da maioria dos técnicos sobre a metodologia participativa. As percepções não correspondem ao conceito, que enfoca a interação entre os saberes técnico e tradicional. Apenas dois técnicos corroboraram com esta idéia. É pouco, dado a sua ampla aceitação. Reforçado, por exemplo, por Franke *et alii* ao afirmar: "O aproveitamento dos conhecimentos tradicionais da população rural, permite o intercâmbio de informações entre o pesquisador e o produtor rural, num processo interativo em que ambos são beneficiados..." (1998: p. 139).

O maior obstáculo a adoção do método participativo pelos técnicos da Embrapa, tem influência direta da instituição que eles representam. Os técnicos citam a deficiência da Embrapa Amazônia Oriental em fornecer apoio operacional como o principal obstáculo e justificam dizendo: "Para que se pratique o método participativo junto a uma comunidade rural, é necessário que estejamos sempre em contato com os agricultores e, nesse sentido, a Embrapa não dá muito apoio. Se nós dependêssemos só dela, provavelmente, o projeto não teria avançado tanto..." Observa-se claramente a interferência institucional na relação técnico/agricultor, dificultando sua reconstrução com base nos princípios participativos.

Outro obstáculo freqüente identificado nesta pesquisa e, também levantado por Carvalho (1989) ao estudar os obstáculos à adoção do método participativo pelos extensionistas, é o, "envolvimento dos técnicos com outras atividades",

impossibilitando-os de atuarem de forma mais participativa. Com menor frequência, porém não menos importante, aparecem como obstáculos: falta de interesse dos produtores por outras culturas diferentes da mandioca e resistência dos mesmos em relação ao método participativo.

Este é um problema claro de invasão dos técnicos a cultura do camponês que, ao introduzirem uma espécie diferente daquela que está enraizada à forma tradicional de produção agrícola, o fazem com arrogância, muitas vezes até inconsciente, achando que estão apresentando a solução, através do saber técnico e de sua visão de mundo para todos os problemas dos camponeses, sem se darem conta de que dessa forma estão subestimando a cultura campesina, que Freire (1992) julga como subestimação do poder de refletir dos camponeses, da capacidade de assumir o papel verdadeiro de quem busca conhecimento.

O que se percebe, é que a participação efetiva destes produtores pode estar sendo prejudicada, talvez, porque o projeto não contou com a participação deles, desde a sua elaboração, sendo esta, etapa efetuada pelos técnicos, sem acatarem sugestões, a partir de conhecimentos práticos e necessidades do principal beneficiário do projeto – o produtor. O que, segundo Herrejón (1997), é totalmente contrário ao enfoque do desenvolvimento participativo. Kaimowitz & Vartanian (1990) acrescentam que não é recomendável separar por completo os agricultores de quem gera tecnologia e de quem a transfere. Essa questão torna-se mais evidente quando se destacam algumas insatisfações dos agricultores aqui estudados, como por exemplo: “O projeto só não está melhor, porque os técnicos mandaram a gente plantar fora da época do plantio aqui na comunidade”. Fuente Llanillo *et alii* (1986) argumentam que a participação, na prática, é geralmente dificultada pela dificuldade dos técnicos em compreender o contexto cultural no qual estão inseridos os agricultores. Talvez este seja um obstáculo não só dos técnicos, mas também dos agricultores no que tange a adoção da pesquisa participativa.

Influência dos obstáculos sobre a ação dos agricultores

Para a categoria agente comunitário, a percepção dos obstáculos apresentam-se de maneira heterogênea: cada um dos quatro agentes que disseram existir obstáculos, apresentou respostas diferentes. Surgiram mais de quatro obstáculos porque dois dos quatro agentes manifestaram mais de um. Neste caso, foram citados os seguintes:

- Acúmulo de funções no projeto, tais como: gerenciamento da usina e do trator.
- Falta de mais conhecimento técnico por está recente no projeto (2 meses).
- Ainda precisa adquirir mais conhecimentos técnicos sobre agricultura.
- Falta mais organização dos executores do projeto.

- Insatisfação de alguns produtores com o trabalho dos agentes comunitários.
- Timidez, dificuldade de se expressar.

Nota-se que a heterogeneidade de obstáculos na atuação dos agentes comunitários aponta para insignificância estatística dos mesmos; para ser considerado significativo, um tipo de obstáculo deve ser compartilhado por mais de um dos entrevistados.

Em relação aos obstáculos referentes ao bom desenvolvimento do projeto pimenta longa, metade dos agricultores apresentaram algum tipo de obstáculo. Contudo, apenas dois merecem enfoque por terem sido compartilhados por mais de um dos entrevistados, ou seja, ambos foram apresentados por dois agricultores, são eles: "Ter outras atividades, além do cultivo de pimenta longa", fato que pode ser observado para todas as categorias e que, sem dúvidas, interfere negativamente sobre as ações participativas, e outro obstáculo, é a "Falta de confiança no projeto como alternativa economicamente viável", traduzida pela insatisfação com o projeto, manifestado por alguns agricultores, que ainda não notaram nenhuma evolução econômica na vida dos agricultores. Esta questão destacou-se como a principal mudança coletiva esperada pelos agricultores e percebida também, pela grande maioria dos técnicos e Agentes Comunitários de desenvolvimento. Ao serem questionados sobre: o que eles entendiam como principais interesses dos agricultores com o projeto? 50% das respostas foram relativas ao aumento da renda familiar dos agricultores, enquanto que 16,66% referiam-se a poder contar com uma alternativa de produção, o que não deixa de está relacionado também com a questão econômica.

CONCLUSÕES

Em relação aos obstáculos identificados no desenvolvimento do projeto, pelos técnicos e pesquisadores da Embrapa, o mais importante veio da instituição que eles representam, isto é, pela forma deficiente da mesma em fornecer apoio operacional para seus técnicos atuarem em projetos de desenvolvimento rural comunitário. Este é um problema sério que pode interferir negativamente na atuação do técnico junto aos comunitários, dificultando essa relação. Neste caso, porém, a interferência não foi grave, pelo que se pôde constatar, porque não faltou apoio operacional vindo da instituição parceira que financia o projeto. Logo em seguida, aparece outro obstáculo freqüente: o envolvimento dos técnicos com outras atividades que não estão relacionadas com os agricultores.

No geral, pode-se dizer que os obstáculos não influenciaram significativamente sobre a ação dos agricultores no projeto. Embora, pouco mais que a metade desse grupo tenham apresentado algum tipo de obstáculo,

nenhum destes, entretanto, configura-se como problema grave. Cabe salientar, todavia, que a falta de credibilidade ao projeto, citada por alguns produtores de pimenta longa, pode, futuramente, constituir-se como problema grave se o projeto, a curto prazo, não oferecer nenhum resultado econômico satisfatório para os mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Júlio. **Obstáculos à adoção do planejamento participativo da ação extensionista local, no estado do Pará (Brasil)**. Santa Maria: UFSM, 1989. Dissertação de Mestrado. 263 p.

FRANKE, I., LUNS, A., AMARAL, E. "Metodologia para planejamento, Implantação e Monitoramento de Sistemas Agroflorestais: Um Processo Participativo." In: CONGRESSO EM SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 2., 1998, Belém, PA. **Sistemas agroflorestais no contexto da qualidade ambiental e competitividade**: resumos expandidos. Belém: Embrapa-CPATU, 1998: p.137-139.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992: p. 39-62. Traduzido por Rosisca Darcy de Oliveira.

FUENTE LLANILLO, R. *et alii*. Região de Irati: o processo de massificação do trabalho de Rio Azul. In: Aldemir M. *et alii*. **Pesquisa em sistemas de produção de pequenos agricultores**: ensaios metodológicos do Paraná. Ilhéus, 1986: p.99-103. Mimeo. Trabalho apresentado no seminário A Pesquisa Agrícola e o Pequeno Agricultor nas Regiões de Agricultura de Exportação, Ilhéus, BA, 1986.

HERREJÓN, Gladys. "Nuevos enfoques en la investigación social y el desarrollo rural". In: **Investigación para el desarrollo rural**. México: Universidad Autónoma del Estado de México, 1997: p. 64-67.

KAIMOWITZ, D., VARTANIÁN, D. "Principios generales para las estrategias de transferencia de tecnología del futuro." In: KAIMOWITZ, D.; VARTANIÁN, D. **Nuevas estrategias en la transferencia de tecnología agropecuaria para el istmo centroamericano**. San José, Costa Rica: IICA, 1990. Cap.4, p. 19-23 (IICA).